

O Proletário

Uma publicação mensal de proletários marxistas

Edição 103
Fevereiro/2015



Capitalismo e barbárie	02
Situação política	04
O descontrole da inflação gera descontrole nos preços de produtos do consumo básico	10
País gasta mais de R\$ 1 tri em cinco anos com juros da dívida pública	12
Combate ao capitalismo com praticas coletivas em prol da união campo/cidade.....	13
APEOESP	15

Capitalismo e barbárie

A humanidade já provou a convivência com outros estágios de barbárie. Parece incrível, mas os primeiros estágios de barbárie em que humanidade já conviveu remontam de 3 a 6 mil anos antes de nossa Era e coincide com um período de descobertas e de desenvolvimento das forças produtivas sem precedentes na história humana. A barbárie precedeu a tal da "Civilização", com as descobertas da cerâmica* e a posterior domesticação dos animais e a agricultura. Por paradoxal que seja, foi a fase em que a humanidade começou a produzir bens, utensílios e alimentos além de suas necessidades. Karl Marx e Friedrich Engels, no livro "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado" nos mostram que a sociedade consanguínea das Gens, Fratrias e Tribos do Comunismo Primitivo foram sendo golpeadas pela barbárie em torno do excedente de produção e da escravidão por dívidas. Neste caldeirão de lutas de classes em formação, germina-se a propriedade privada da terra, a nova forma de família (monogamia) e o Estado. A barbárie primitiva estrangulou e violentou totalmente a sociedade de homens livres ao ponto dos seres reivindicarem e reconhecer como novas autoridades os chefes exploradores que já estabeleciam regras e normas de uma organização de sociedade sob o domínio das classes sociais.

A barbárie se instalou exatamente porque o modo de produção comunista primitivo teve o atropelo das forças produtivas (meios de produção, descoberta da cerâmica, do fogo, da domesticação dos animais e da



agricultura, além da evolução dos objetos domésticos e na armanezagem de alimentos) que evoluíram acima do conhecimento científico do próprio homem, instalando a barbárie com as guerras pelo excedente e da escravização de seu semelhante. A sociedade do contraditório instala-se (pela violência), o excedente de produção (como mercadoria simples) e ausência de

* Fragmentos de cerâmica foram encontrados em uma caverna no sul China. E foi confirmado terem 20.000 anos de idade, tornando-os, como um todo, a mais antiga cerâmica conhecida no mundo, dizem arqueólogos.

Essas descobertas juntam-se aos esforços recentes em que foram datadas pilhas de cerâmicas no leste da Ásia, mostrando idades superiores a 15.000 anos. Essa descoberta refuta as teorias convencionais de que a invenção da cerâmica se correlaciona ao período de cerca de 10.000 anos atrás, quando os seres humanos deixaram a caça para se tornarem agricultores.

condições de atendimento das necessidades pela ausência da evolução humana capaz de transformar comunismo primitivo em comunismo superior. Não poderia ser o contrário: o desenvolvimento da humanidade, assim como nos ensina Engels no livro "Dialética da Natureza", obedece toda uma cientificidade e faz parte do planejar a vida coletiva. O planejamento do trabalho e da distribuição da produção deste na forma da coletividade e da harmonia da primeira e segunda natureza.

No estágio de sociedade seguinte, o escravagismo, as forças produtivas continuaram desenvolvendo-se até sua estagnação. Por forças do próprio desenvolvimento, os germes de uma nova sociedade entram novamente na ordem do dia e o Feudalismo destrona os Senhores de Escravos, a servidão alavanca a produção, a vida dos Senhores Feudais e da Nobreza com o trabalho servil. Novamente um dilema se instala - o desenvolvimento das forças produtivas (meios de produção, nas manufaturas) golpeia e supera o trabalho braçal simplesmente, o modo de produção feudal já não podia atender as novas necessidades. A Humanidade aumentada se vê faminta de "coisas" (roupas, ferramentas e do ter). A maquinaria desenvolve-se, colocando na berlinda, pela violência da nova classe de proprietários dos meios de produção (os burgueses) dando golpes de misericórdias a Sociedade Feudal outrora revolucionária.

Com o capitalismo em marcha e o trabalho assalariado, a humanidade viu proezas e, como aponta o Manifesto Comunista de 1848 de Marx e Engels, "tudo que era sólido desmancha-se no ar, tudo que era sagrado é profanado". As forças produtivas desenvolvem-se sem cessar, a maquinaria atinge seu ponto máximo na robotização. A sede de lucro dos capitalistas, por um lado, moderniza a maquinaria e, por outro, desemprega e abaixa os salários. A roda da história nos apanhou descalço nesta geração, que sente o pulsar das contradições do alto desenvolvimento tecnológico dos meios de produção (parte das forças a

produtivas), mas a palperização da classe operária e dos proletários em geral. O Exército de desempregados não para de crescer, incluindo-se um contingente enorme de ambulantes e trabalhadores informais. Hoje, temos ainda o fabuloso crescimento do lumpesinato nas cracolândias. Temos a degeneração das forças repressivas do próprio Estado e a própria caminhada de perda de valores da humanidade. A Burguesia, proprietária dos meios de produção modernos, outrora revolucionária, apodrece na corrupção e na sede de lucro a qualquer custo. As crises econômicas de nossos dias não se vislumbram perspectivas de solução, sem derramamento de sangue e destruição violenta de forças produtivas. Em outras palavras, o desenvolvimento técnico dos meios de produção pede passagem. A propriedade privada dos meios de produção tornou-se um empecilho, um entrave à vida da humanidade. Pulsam-se os embriões da *nova sociedade*. Embriões, meros embriões, visto que a grande burguesia em decadência e em decomposição como um cadáver está no domínio absoluto do poderio ideológico, das forças de repressão expandidas na forma da fastitização e da tentativa do controle geral a qualquer custo. A resistência se manifesta, na maioria dos casos, instintivamente e anarquicamente, seguindo inclusive, a desorganização proletária independente e a influência do poderio ideológico burguês, espelhando-se e se confundindo com a anarquia capitalista. Nestas condições, a resistência assume um caráter provocativo com a possibilidade das forças burguesas intervirem de forma reacionária, com o fascismo ou e militarmente. Em suma, a barbárie capitalista que se desenvolve a passos largos entrelaça-se com as forças anárquicas da desconstrução teórica do proletariado mundial. Temos então o encontro da barbárie capitalista em desenvolvimento com o anarquismo, ambos se complementam no aprofundamento da desorganização da sociedade, minando a própria resistência à sociedade capitalista no sentido de por abaixo o modo de produção da propriedade privada burguesa.

Viva o proletariado Organizado como classe!

Viva a luta teórica e prática entre os trabalhadores!

Abaixo o capitalismo e sua barbárie!

**Abaixo a anarquia capitalista que está nos levando a barbárie,
abaixo o anarquismo que se entrelaçam com esta!**

Viva a luta e a organização independente do proletariado mundial!

Situação política

Com o iniciar capitalista e o trabalho assalariado, a humanidade viu proezas espetaculares "tudo que era solido desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado". As forças produtivas desenvolveram sem cessar, a maquinaria atingiram seu ponto máximo na robotização. A sede de lucro dos capitalistas, com a concentração de renda por um lado, a modernização da maquinaria por outro, desemprega e abaixa os salários precarizando a vida da humanidade, fomentando as crises de superprodução e as variações nos baixos e altos ciclos das crises econômicas. Nos chamados ciclos de desenvolvimento ou desenvolvimento precário nunca se alcança os níveis anteriores atingidos, assim, a barbarização da economia, das relações de produção e da humanidade vai gestando, colocando em risco o próprio equilíbrio humanitário, cultural, físico e químico do planeta.

A situação política mundial vive o dilema da dicotomia da austeridade econômica (liberalismo econômico(diminuição do Estado na economia) ou do keynesianismo (referencia ao economista inglês John Maynard Keynes 1930, diante da crise de 1929 - o Estado controlando e injetando dinheiro na economia, incrementando o consumismo e o "desenvolvimentismo" (estado de bem estar social, quando o modo de produção capitalista ainda permitia tal proeza)) na verdade, podemos resumir estas piseudas alternativas como sendo o *jus sperniandi* de uma burguesia decadente como resultado do entrave do regime de propriedade privada dos meios de produção. Os representantes burgueses tentam domar a crise econômica que ora se apresenta com a problemática inflacionária em alta (preço bem mais alto que o valor) e ora como deflação (preço menor que o valor) combinada com alto endividamento público, ambos fenômenos expõem a problemática da crise de superprodução com a necessidade de aumentos da lucratividade com o capital parasitário e as guerras.

Três blocos bem definidos de países labutam para sobreviverem na economia global, os opressores imperialistas, os oprimidos chamados de "emergentes" com economia semi-colonial e os oprimidos em situação bem próxima do sistema colonial. O bloco dos países que vislumbram crescimento econômico, os que estão apontando algum resultado positivo na economia e precariamente almejam sair da crise momentaneamente e os que entraram em recessão por alta inflação, crescimento negativo e alta dívida pública se mantendo nesta condição já por prolongado tempo, vejamos:

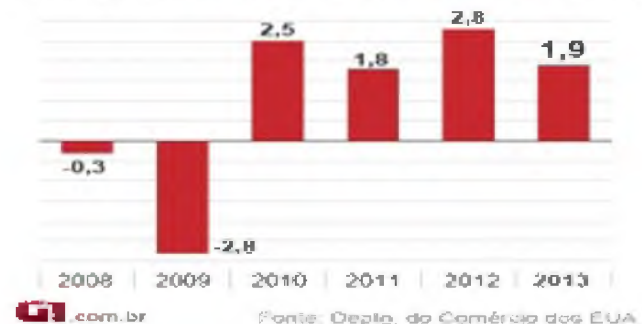


03

Os países do bloco imperialista:

Estados Unidos da America do Norte EUA - O PIB 2024 foi para 17,6 trilhões de dólares, com crescimento de 2,7%, já a dívida pública está em 17,86 trilhões de dólares 101,53% do PIB, a limitada taxa de crescimento conseguida em 2014 e anos anteriores foram as custas de muito sangue do proletariado mundial. A taxa de desemprego "oficialmente" abaixou para 5,6% da população ativa (que procuram por empregos). A variação do PIB Americano nos últimos anos bem aponta a precariedade de sua economia e

Crescimento anual do PIB real dos EUA



O papel desempenhado pelos Estados Unidos da América do Norte na primeira e segunda guerra mundial, especificamente os acordos da segunda guerra em que, apesar da presença da União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da "guerra fria" a

subdivisão geopolítica em que condicionou a Alemanha e o Japão, a submissão armamentista e mesmo das forças armadas destes dois gigantes às forças armadas americanas, a proibição da formação de um exercito autônomo nestes países. Os planos econômicos, como o **Plano Marshall, Conferência de Potsdam** (ocorreu em Potsdam, Alemanha (perto de Berlim), entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da Segunda Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha, que tinha se rendido incondicionalmente nove semanas antes, no dia 8 de maio, Dia da Vitória na Europa. Os objectivos da conferência incluíram igualmente o estabelecimento da ordem pós-guerra, assuntos relacionados com tratados de paz e contornar os efeitos da guerra), orquestrados e visando a reconstrução do pós guerra dos países capitalistas e a santa união destes contra a URSS. Com estes objetivos, tratou a Conferência da consumação de uma estratégia militar, principalmente aos EUA, com vistas a garantir a hegemonia militar adquirida na Segunda Guerra Mundial, em termos de presença e de liderança tecnológica, de modo a garantir a expansão econômica pacífica, quando possível, o bem estar e a segurança da sociedade americana, aliados aos objetivos de impedir a re-estruturação do Japão e da Alemanha como potências militares capazes de impor novamente ameaças militar e econômica como potencia.

As constituições da Alemanha e do Japão, elaboradas e impostas pela ocupação militar americana, proibiam o uso de forças armadas fora de seu território, assim como o desenvolvimento de armas nucleares. No período da guerra fria, foi feita algumas concessões a formação de exército para ajudar na garantia da segurança interna e hoje se discute à possibilidade de abrir para Japão e Alemanha uma maior liberdade no exercito, visto os perigos externos e o acirrar da crise econômica mundial, inclusive com as ameaças da Coreia do Norte, "China", os conflitos com a Rússia, Irã e a presença das organizações islâmicas como a **Al-Qaeda**, Estado Islâmico (EI) Boko Haram (O Boko Haram prega uma versão do Islã que proíbe que os muçulmanos tomem parte em qualquer atividade política ou social relacionada com a sociedade ocidental ou seja: "a educação ocidental é proibida").

Hoje os EUA ainda mantém 47.000 soldados no Japão - discute-se a retirada de pelo menos 9000 soldados por motivos financeiros, deslocando-os para regiões em conflitos e também pela desmoralização de tais força por atos de selvageria com a população nativa, estupros e etc. Já na Alemanha os Estados Unidos da América do Norte ainda possui cerca de 52 mil soldados estacionados em território alemão. Com a nova

estratégia militar focada na Ásia e no Pacífico, o número deverá ser reduzido. Novas tarefas aguardam os alemães: o governo dos Estados Unidos precisa economizar diante da dívida pública de mais de 17,86 trilhões de dólares 101,53% do PIB, duas guerras de custos exorbitantes a do Iraque e a do Afeganistão fizeram com que o orçamento da Defesa explodisse nos últimos dez anos.

Uma velada disputa também se desenvolve entre a Alemanha, Japão e outros países relacionados aos acordos da segunda guerra na disputa por assento no conselho de segurança da ONU e o poder de veto.

No período da guerra fria as forças contraditórias estavam precariamente reprimidas e controladas, agora, as contradições, as revoltas como resultado de séculos de opressão e massacre se rebelam em todos os cantos do planeta. O mundo Árabe e muçulmano mesclam com a discriminação racial, exploração econômica, social religiosa/cultural e de barbárie africana/oriente médio, como em um caldeirão fervendo vasa água/vapor por todos os orifícios, postando-se contra as atrocidades da exploração burguesa ocidental. O acontecimento em 07 de janeiro, 2015 na França no escritório da revista satírica "Charlie Hebdo" ao qual 12 pessoas morreram e 11 ficaram feridas em um tiroteio em Paris reflete esta opressão represada, a panela de pressão com alta temperatura tem nos ataque culturais do ocidente momento de estrangulamento de proporções imagináveis.

A grande burguesia enaltece um dos muitos deuses da cultura ocidental como a liberdade de imprensa e de expressão ferindo mortamente um outro Deus que faz parte dos tratados internacionais que é a liberdade de religião e de cultos. Na verdade, parece que a expressão mais exata para analisar o ataque de Paris além de recorrermos as teorias dos choques de civilizações é a do choque entre deuses. O deus da "liberdade de imprensa e de expressão" dos burgueses, pois ao proletariado somente está reservado, vender a força de trabalho na produção da riqueza capitalista com a exploração da mais valia, servir de peça chave das propagandas consumistas das comunicações nas mãos dos representantes do grande capital (liberdade de imprensa e de expressão). A única liberdade do proletariado é a liberdade de ser explorado em todos os sentidos. No mesmo período do ataque em Paris no Oriente Médio e no território africano por ações das facções islâmicas mais de 2000 pessoas foram mortas e continuam sendo raptadas e assinadas diariamente pelos conflitos econômicos (burgueses e proletários), entre tribos, facções religiosas, conflitos esses que foram na sua grande maioria fomentados pela grande burguesia francesa, inglesa, americana, alemã, italiana,

subdivisão geopolítica em que condicionou a Alemanha e o Japão, a submissão armamentista e mesmo das forças armadas destes dois gigantes às forças armadas americanas, a proibição da formação de um exercito autônomo nestes países. Os planos econômicos, como o **Plano Marshall, Conferência de Potsdam** (ocorreu em Potsdam, Alemanha (perto deBerlim), entre 17 de

Vejamos outros dados

- Japão: PIB, 2014 - US\$4,846 Trilhões contra os US\$ 4,901 de 2013 - Dívida Pública 227.20% do PIB, taxa de desemprego está em 3,5%.
- Alemanha: PIB, 2014 de US\$ 3,875 Trilhões contra US\$ 3,635 Trilhões em 2013 - Dívida pública de 76,90 % do PIB, taxa de desemprego de 5%, inflação 0,20.
- França: PIB, 2014 de US\$ 2,885 Trilhões contra os US\$ 2,737 de 2013 - Dívida pública 92,20 % do PIB, taxa de desemprego de 10,5%, inflação 0,10.
- Reino Unido: PIB, 2014 DE US\$ 2,827

Trilhões contra os US\$ 2,535 Trilhões de 2013 - Dívida pública 90,60 % do PIB, taxa de desemprego 6%, inflação 0,5%.

- Itália: PIB, 2014 de US\$ 2,171 Trilhões contra US\$ 2,071 Trilhões em 2013 - Dívida pública 132.60% do PIB, taxa de desemprego 13.40%, taxa de inflação 0,00%.

- Espanha: PIB, 2014 de US\$ 1,415 Trilhões contra US\$ 1,358 Trilhões em 2013 - Dívida pública de 92,10% do PIB, taxa de desemprego 23.67%, taxa de inflação -1,10%.

- União Européia (UE): PIB, 2014 17350.85 Trilhões contra 16644.17 Trilhos em 2013, dívida pública a 92,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2013 contra 90,7% registrados em 2012 (meta 60%) na zona do EURO. Já em toda a UE, temos: 2013 187,1% do PIB, contra 85,2% em 2012. Taxa de desemprego na UE: 11% - zona do EURO 12,2%, Inflação: 2014 - 0,382%, 2013 - 0,730%, 2012 - 2,493%, 2011 - 3,029%, 2010 - 1,945%, 2008 - 3,183%.

Vejamos a inflação em alguns países (Esquema com percentagem inflacionária por país ou região):

<u>Número de inflação</u>	<u>país/região</u>	<u>espécie</u>	<u>período</u>	<u>base mensal</u>	<u>base anual</u>
IHPC Alemanha	Alemanha	ihpc	novembro 2014	0,000 %	0,519 %
IHPC Austria	Austria	ihpc	novembro 2014	0,140 %	1,532 %
IHPC Bélgica	Bélgica	ihpc	novembro 2014	-0,158 %	0,067 %
IHPC Chéquia	Chéquia	ihpc	novembro 2014	-0,326 %	0,576 %
IHPC Dinamarca	Dinamarca	ihpc	novembro 2014	-0,255 %	0,171 %
IHPC Eslováquia	Eslováquia	ihpc	novembro 2014	-0,171 %	-0,016 %
IHPC Eslovénia	Eslovénia	ihpc	novembro 2014	-0,120 %	0,072 %
IHPC Espanha	Espanha	ihpc	novembro 2014	-0,231 %	-0,460 %
IHPC Estónia	Estónia	ihpc	novembro 2014	-0,907 %	0,014 %
IHPC Eurozona	Europa	ihpc	outubro 2014	-0,059 %	0,382 %
IHPC Finlândia	Finlândia	ihpc	novembro 2014	-0,147 %	1,076 %
IHPC França	França	ihpc	novembro 2014	-0,164 %	0,400 %
IHPC Grã-Bretanha	Grã-Bretanha	ihpc	novembro 2014	-0,233 %	0,945 %
IHPC Grécia	Grécia	ihpc	novembro 2014	-0,711 %	-1,215 %
IHPC Holanda	Holanda	ihpc	novembro 2014	-0,736 %	0,251 %
IHPC Hungria	Hungria	ihpc	novembro 2014	-0,387 %	0,083 %
IHPC Irlanda	Irlanda	ihpc	novembro 2014	-0,274 %	0,183 %
IHPC Islândia	Islândia	ihpc	novembro 2014	-1,128 %	-0,578 %
IHPC Itália	Itália	ihpc	novembro 2014	-0,249 %	0,251 %
IHPC Luxemburgo	Luxemburgo	ihpc	novembro 2014	-0,371 %	0,154 %
IHPC Polónia	Polónia	ihpc	novembro 2014	-0,160 %	-0,319 %

IHPC Portugal	Portugal	ihpc	novembro 2014	-0,360 %	0,077 %
IHPC Suécia	Suécia	ihpc	novembro 2014	-0,079 %	0,325 %
IHPC Turquia	Turquia	ihpc	novembro 2014	0,076 %	9,181 %
IPC África do Sul	África do Sul	ipc	novembro 2014	0,000 %	5,810 %
IPC Alemanha	Alemanha	ipc	novembro 2014	0,000 %	0,566 %
IPC Austria	Austria	ipc	novembro 2014	0,182 %	1,659 %
IPC Bélgica	Bélgica	ipc	dezembro 2014	-0,110 %	-0,379 %
IPC Brasil	Brasil	ipc	novembro 2014	0,510 %	6,555 %
IPC Canadá	Canadá	ipc	novembro 2014	-0,397 %	1,951 %
IPC Chéquia	Chéquia	ipc	novembro 2014	-0,243 %	0,572 %
IPC Chile	Chile	ipc	dezembro 2014	-0,413 %	4,640 %
IPC China	China	ipc	novembro 2014	-0,200 %	1,603 %
IPC Coreia do Sul	Coreia do Sul	ipc	dezembro 2014	-0,009 %	0,834 %
IPC Dinamarca	Dinamarca	ipc	novembro 2014	-0,229 %	0,462 %
IPC Eslováquia	Eslováquia	ipc	novembro 2014	-0,122 %	0,000 %
IPC Eslovénia	Eslovénia	ipc	novembro 2014	-0,227 %	-0,252 %
IPC Espanha	Espanha	ipc	novembro 2014	-0,070 %	-0,372 %
IPC Estados Unidos	Estados Unidos	ipc	novembro 2014	-0,540 %	1,322 %
IPC Estónia	Estónia	ipc	dezembro 2014	0,000 %	-0,512 %
IPC Finlândia	Finlândia	ipc	novembro 2014	-0,192 %	0,971 %
IPC França	França	ipc	novembro 2014	-0,172 %	0,322 %
IPC Grã-Bretanha	Grã-Bretanha	ipc	novembro 2014	-0,233 %	0,945 %
IPC Grécia	Grécia	ipc	novembro 2014	-0,932 %	-1,245 %
IPC Holanda	Holanda	ipc	dezembro 2014	-0,431 %	0,700 %
IPC Hungria	Hungria	ipc	novembro 2014	-0,371 %	-0,739 %
IPC Índia	Índia	ipc	novembro 2014	0,000 %	4,115 %
IPC Indonésia	Indonésia	ipc	dezembro 2014	2,463 %	8,359 %
IPC Irlanda	Irlanda	ipc	novembro 2014	-0,295 %	0,099 %
IPC Islândia	Islândia	ipc	novembro 2014	-0,506 %	1,037 %
IPC Israel	Israel	ipc	novembro 2014	-0,196 %	-0,098 %
IPC Itália	Itália	ipc	dezembro 2014	0,000 %	0,000 %
IPC Japão	Japão	ipc	novembro 2014	-0,386 %	2,381 %
IPC Luxemburgo	Luxemburgo	ipc	dezembro 2014	-0,611 %	-0,611 %
IPC México	México	ipc	dezembro 2014	0,490 %	4,081 %
IPC Noruega	Noruega	ipc	dezembro 2014	0,000 %	2,073 %
IPC Polónia	Polónia	ipc	novembro 2014	-0,162 %	-0,484 %
IPC Portugal	Portugal	ipc	novembro 2014	-0,207 %	0,019 %
IPC Rússia	Rússia	ipc	novembro 2014	1,276 %	9,073 %
IPC Suécia	Suécia	ipc	novembro 2014	-0,147 %	-0,204 %
IPC Suíça	Suíça	ipc	dezembro 2014	-0,496 %	-0,328 %
IPC Turquia	Turquia	ipc	dezembro 2014	-0,442 %	8,170 %

De acordo com o Banco de Compensações Internacionais (BIS), a dívida das agências governamentais e empresas privadas em todo o mundo já superou os US\$ 100 trilhões.

Para efeito de comparação, em 2013 o PIB do mundo foi de 87,18 trilhões de dólares.

Entre meados de 2007 e de 2013, a dívida dos

governos e das entidades privadas registrou um aumento de US\$ 30 trilhões. Principais emissores de títulos foram as agências do Estado. Em particular, o valor de títulos dos EUA cresceu no mercado de 4,5 trilhões a 12 trilhões de dólares.

Os países do bloco oprimido ("emergentes")

- China: PIB, 2014 - USD 9,240 Trilhões contra USD 9,240 Trilhões, taxa de crescimento 2013 7,7% atingindo 7,4 em 2014 apontando uma desaceleração econômica, taxa de **desemprego - 4,1%, taxa de inflação - 1,5%**.
- RUSSIA: PIB, 2014 - US\$ 2,096 Trilhões de USD contra - US\$ 2,53 trilhões (2013), taxa de desemprego: 5,2%, taxa de inflação 11,4%
- África do Sul: US\$ 354 bilhões (2014) contra US\$ 350 em 2013, taxa de desemprego 25,4%, taxa de inflação 5,80%.
- Rússia: PIB, 2014 US\$ 2,092 Trilhões contra US\$ 2,118 em 2013, taxa de desemprego 5,2%, taxa de inflação 11,4%.
- Brasil: PIB2014 US\$ 2,215 contra US\$ 2,242 EM 2013, Taxa de desemprego 6,8%, taxa de inflação 6,41%;
- Índia: PIB, 2014 US\$ 1,995 contra US\$ 1,870 em 2013, taxa de desemprego 5,2%, taxa de inflação 4,11%.

A organização Oxfam International afirma que: ao lado do espectro da deflação nas economias maduras, o tema da desigualdade de renda e de oportunidades deverá dominar os debates no encontro anual da elite empresarial e financeira, com a presença de autoridades governamentais. São, de certo modo, segundo a Oxfam Internacional faces de uma mesma moeda.

Uma outra informação do relatório da Oxfam mostra que 80 bilionários detêm hoje riqueza equivalente à de 3,5 bilhões de pessoas, metade da população mundial. Esse quadro evidencia não só uma situação de injustiça social moralmente insustentável, mas também uma perspectiva econômica catastrófica para o mundo.

Desde a crise de 2008, a concentração tem aumentado e tende a continuar na mesma e indesejável direção. Vez que, as tais políticas de distribuição de renda não fogem da distribuição de algumas migalhas que caem das mesas dos países imperialistas e do assistencialismo precário nos países oprimidos. Se, em 2009, a parcela de riqueza de 1% dos mais ricos equivalia a 44% do PIB planetário, no ano passado chegou a 48% e em 2016 ultrapassará 50% de tudo o que terá sido produzido no ano. A partir de 2015, os recursos acumulados pelo 1% mais rico do planeta ultrapassarão a riqueza do resto da população.

A tendência ao baixo crescimento, indicada pela persistência dos índices quase nulos de inflação, começou a ser vista também como uma consequência da concentração de renda.

As contradições presentes na situação política mundial também são agravadas pelo intervencionismo americano e europeu, tanto no Oriente Médio como na África - em todos os países que realizaram cirurgias violentas como na Líbia, Iraque, Afeganistão, por exemplo, a miséria, a violência e o descontrole dispararam.

Algumas possibilidades que o desenrolar da crise vem mostrando: os conflitos interburgueses, de nacionalidades e os conflitos culturais tendo como fundo o aprofundar da crise econômica poderá nos levar a uma maior corrida armamentista e a qualquer momento estará colocado o desenvolvimento de conflitos que poderá atingir escalas globais e desastrosas. Podemos falar da problemática que envolve a Ucrânia, Rússia e a Europa/EUA, das aspirações armamentistas do Irã que envolve mais diretamente grande parte do mundo árabe e muçulmano. As provocações e conflitos entre Coreia do Norte/Japão/EUA, a guerra permanente entre EUA/Israel e a Palestina e todo conflito envolvendo o Oriente Médio, considerando que a crise é estrutural e sem soluções definitivas, considerando que o alto desenvolvimento econômico da China colocou um fôlego na sede de lucro das grandes corporações internacionais - a entrada no rol de conflitos de qualquer outro país ou regiões ou mesmo blocos culturais fará parte da dinâmica em curso. Juntamente com a possibilidade do agravamento dos conflitos interburgueses na forma, podemos assim dizer clássicos, comparece os germes do diagnosticado por Leon Trotsky: O sistema dos decretos burocráticos é instável, incerto, pouco viável. O capital necessita de outra política mais decisiva. O período das meias medidas ficou para trás. No seu intento de procurar outra saída, a burguesia deve desembaraçar-se completamente da pressão das organizações operárias, dispersá-las, esparramá-las, quando não destruí-las. Aqui começa a função histórica do fascismo. Subleva as classes que estão imediatamente acima do proletariado e que teme com desespero serem condenadas a engrossar as fileiras da classe operária. As organiza e as utiliza com os meios do capital financeiro, sob a asa do Estado oficial, e as orienta para a destruição das organizações proletárias desde as mais revolucionárias até as mais moderadas. A essência e a função do fascismo é abolir completamente as organizações operárias e impedir seu restabelecimento. O único método, para eles, é o de se opor ao ataque do

proletariado, quando este se debilita, o ataque das massas pequeno-burguesas enfurecidas. É este exatamente o sistema peculiar de reação capitalista que entrou na história com o nome de fascismo.

No Brasil e no mundo gesta-se tendências de organizações políticas, partidos ultra-direitistas de cunho fascistas. As posições sociais democráticas e burocrática do movimento operário atual, as revoltas/movimentos instintivos desorganização e desorientação com tendências anárquicas não impede, diante do avolumar da crise econômica e financeira o desenvolver dos agrupamentos que reivindicam as voltas das ditaduras militares, e de posições fascistas. Por exemplo, diante dos escândalos de corrupção envolvendo o governo brasileiro, a crise econômica e os tarifas deu lugar no cenário político, quase que inacreditável a 3 anos atrás de movimentação com apoio popular (mesmo que de setores das classes médias) nas ruas e no processo eleitoral, com a eleição de candidatos claramente com características fascistas.

O movimento operário, estudantil e popular

Assim como o poder ideológico da burguesia se aproveita da queda do Muro de Berlim, com a falácia de que o marxismo tinha morrido acabou por golpear o movimento independente do proletariado, confundindo-o e desorientando-o. As redes sociais, com a internet ampliou a confusão e espalhou falsas facilidades, embelezando a realidade e maquiando toda a violência, centralismo, controle, dureza que as classes dominantes nos impõem. Nestas condições de alienação total, as exigências científicas que correspondam às forças reais de enfrentamento da opressão e da luta de classes, condicionadas pela luta teórica e das condições materiais e organizativa são desprezadas e mesmo negadas. Juntamente com estas falsas facilidades e como resultado da desorientação e confusão advinda da queda da URSS acrescenta-se a tendência anarquista que se apodera de grande parte da juventude e de lideranças de movimentos sociais confundindo-os à anarquia capitalista e sua barbárie em aprofundamento na forma de um entrelaçamento sem igual na história das lutas de classes no planeta. Esta correlação de forças teóricas e organizativas momentânea coloca a burguesia com seu modo de produção decadente em uma superioridade ideológica, de controle e de poder espetacular.

Acirrada pela crise econômica quase que permanente, a luta de classes atual apresenta-se em dois fenômenos: um, do acirrar dos conflitos interburgueses minimizados, até o momento, pelo poder quase que isolado dos EUA como potencia econômica e militar e nas tentativas de se exercer uma hegemonia

colegiada entre forças imperialistas entrelaçados pelas associações das grandes corporações transnacionais que acabam condicionando um menor grau de importância às fronteiras nacionais. De outro, o movimento operário, estudantil e popular que se apresenta na forma da burocracia, com uma política pro burguesa, de conciliação de classes e parlamentar, de negação do marxismo e da independência de classes condiciona-nos a uma resistência instintiva e pequena burguesa com a presença de posições anárquicas; embriões de organizações marxistas com tendências pequeno burgueses sem independência de classes e embriões em vários níveis de proletariado organizado como classe, entretanto sem expressão na situação política.

O desenvolvimento e a união destes embriões da última variável em frações e tendências, movida pela democracia operária, o centralismo democrático e a força da teoria marxista se coloca como condição para a superação da problemática da crise da direção proletária e da resolução da consigna de Socialismo ou barbárie. Esta construção há que se desenvolver na direção da formação política teórica no campo do marxismo (organização bolchevista) em torno da tática e estratégia da revolução e da ditadura do proletariado. A tática que corresponde a estratégia da ditadura do proletariado pressupõem a construção do movimento independente do proletário da burguesia e seus Estados. Esta construção entre as massas só poderá se dar com as organizações independentes de massa, rompendo com a burocracia, a passividade burguesa. A organização independente do proletariado só poderá ser realizada na formação de organizações soviética tendo como método a luta direta das massas e o internacionalismo proletário.

No caldeirão da luta de classes, com a luta direta das massas, no estudo permanente incorporando a teoria e teorizando a realidade a ser transformada e transformando a si próprio, rompendo com a divisão social do trabalho, na luta prioritária da construção de seções do partido mundial da revolução proletária se dará a construção que corresponda, concreta para a expropriação da burguesia, na construção dos governos operários e camponês nos países em que o campesinato pobre representa uma força econômica e dos governos operários nos países desenvolvidos assumirá diretamente fazendo cumprir os objetivos históricos do proletariado mundial. Expropriando os expropriadores coletivizando os meios de produção no planejamento da produção e na repartição coletiva desta os governos operários e os governos operários e camponeses terão a tarefa de caminhar diferenciando a ditadura do proletariado (Estado Operário ou socialismo científico) na busca do fim da burguesia e seus

capitalismos, em todo o globo, rumo ao fim das classes sociais e com isto, o fim do próprio Estado, constituindo a

sociedade dos seres livres, o comunismo superior.

O descontrole da inflação gera descontrole nos preços de produtos do consumo básico



Uma grande parcela da classe trabalhadora sobrevive com um salário mínimo. De janeiro a dezembro de 2013, mensalmente, o salário era de apenas R\$ 678,00. Em janeiro de 2014 passando para os míseros R\$ 724,00 com aumento em relação ao período anterior de R\$ 46,00, cujo percentual de reajuste foi de 6,8%, 0,89%, acima do índice da inflação que ficou em 5,91% (IPCA índice de preço ao consumidor amplo) hoje o reajuste do salário mínimo, foi de **R\$ 724 para R\$ 788 no primeiro dia do ano de 2015**, aumento de R\$ 64 (ou 8,8%).

Segundo levantamento do DIEESE, para

conseguir cobrir as necessidades básicas de uma família brasileira (no quadro dos assalariados), o salário mínimo no ano passado deveria ser de R\$ 2.975,55, mais de quatro vezes os R\$ 724,00. Esse valor fica abaixo do estabelecido pela constituição brasileira que é de aproximadamente 1200 dólares (dependendo de sua variação), hoje aproximadamente de R\$ 3.189,00.

A pesquisa mostra que o reajuste da cesta básica ficou acima de 10% em nove capitais brasileiras, como mostra a tabela abaixo, registrando maior alta em Salvador (16,74%) e o menor índice foi registrado em Goiânia (4,37%).

Variação das cestas básicas em 2013

Cidades	Variação em 2013, em %	Valor da cesta, em R\$
Salvador	16,74	265,13
Natal	14,07	273,36
Campo Grande	12,38	301,2
Rio de Janeiro	11,95	315,52
Porto Alegre	11,83	329,18
Curitiba	11,06	301,32
Vitória	10,48	321,39
Recife	10,34	274,69
Florianópolis	10,09	319,33

Cidades	Varição em 2013, em %	Valor da cesta, em R\$
Belém	9,12	296,34
João Pessoa	8,81	258,81
Fortaleza	8,18	273,47
Belo Horizonte	7,35	312,25
São Paulo	7,33	327,24
Aracaju	6,23	216,78
Manaus	6,01	307,71
Brasília	4,99	289,72
Goiânia	4,37	274,67

Fonte: Dieese

Se pegarmos o maior valor da cesta básica registrada em Porto Alegre (R\$ 329,18) em comparação com o salário de R\$ 788,00, isso representa 44% de gastos com alimentação básica sem os descontos em folha com a Previdência.

Em geral, o valor médio da cesta básica pesquisada nas 18 capitais brasileiras ficou em R\$ 292,12, equivalente 9,5%, índice de reajuste 2,59% acima da inflação registrada em 2012.

Considerando os gastos com a alimentação básica, mais os gastos com a Previdência Social por si só já são mais da metade do salário mínimo atual. E as despesas com transporte, vestuário, saúde, educação, moradia e lazer? Será que o restante do salário mínimo permite bancar essas outras necessidades básicas? Obviamente não!

O salário capaz de atender todas as necessidades básicas de uma família típica brasileira é o salário mínimo real e este, deve sempre ser reajustado quando o custo de vida subir (escala móvel de salários). Um razoável valor para atender todas essas necessidades deveria ficar em torno de R\$ 5.000,00.

As perdas salariais com a inflação vem paulatinamente corroendo o poder de compra do trabalhador brasileiro. Segundo o IBGE, quatro regiões do país têm inflação acima de 6%.

No ano de 2013, o governo fixou a variação média de preços em 6,5%. No entanto, o custo de vida em Recife chegou a 6,86%, Fortaleza 6,38%, São Paulo 6,09% e no Rio de Janeiro, o índice fechou em 6,16%, em 2014 estes índices pioraram.

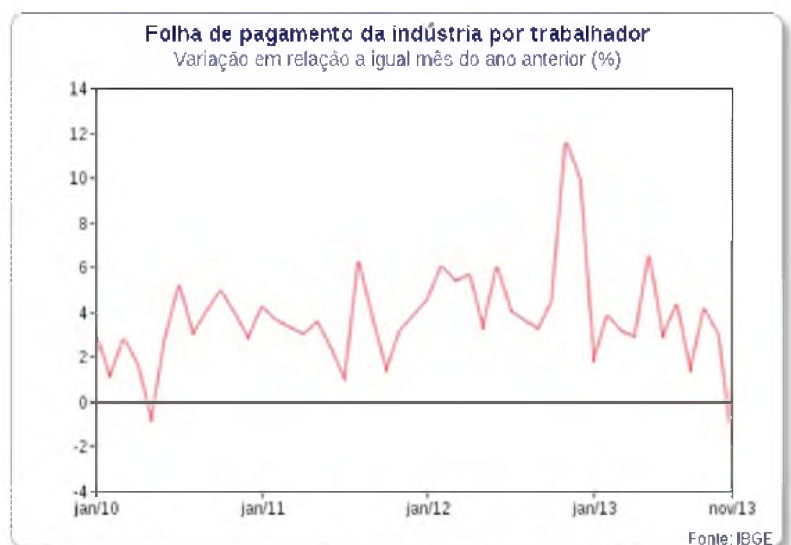
Se não bastasse a perda do poder de compra do trabalhador brasileiro por conta do aumento do custo de vida, o governo brasileiro vem fazendo com que o dinheiro do trabalhador depositado no FGTS tenha perda de 19,5% em 15 anos. Enquanto o IPCA ficou em 2013 em 5,91%, as contas do FGTS foram

remuneradas em 3,19% acumulando uma perda real de 2,57%, de acordo com o matemático financeiro José D. V. Sobrinho.

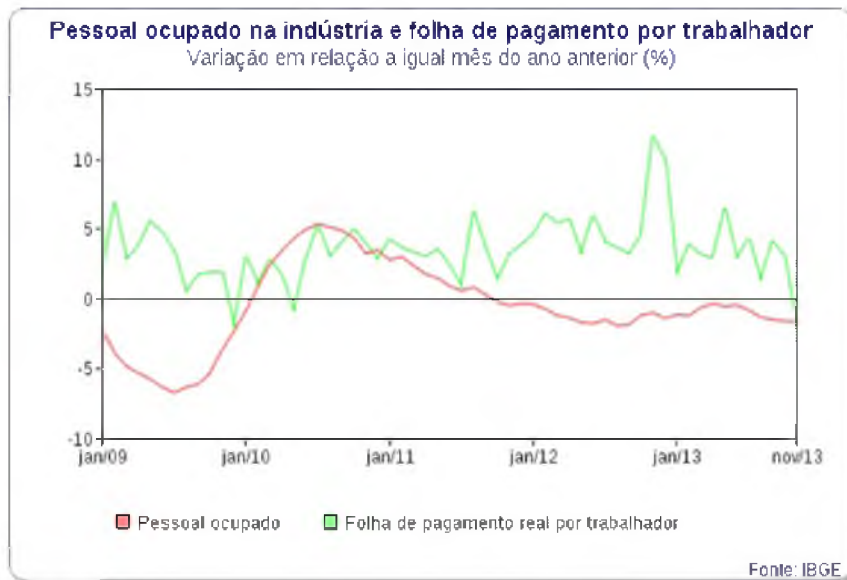
Nestes 15 anos, a variação do IPCA ficou em 161,15%, enquanto o rendimento do FGTS foi de 110,33%, acumulando perda de 19,46%.

Outras mudanças feitas pelo governo nos fundos de investimento do trabalhador contribuíram para mais perdas. A poupança foi uma delas: rendendo 6,37% e, após a mudança no cálculo da poupança atual ficou em 5,82%.

Seguindo o ritmo de perda, a indústria brasileira reduz o pagamento ao trabalhador pela primeira vez. Em novembro de 2013, cada funcionário recebeu, em média, 2% menos do que em igual mês de 2012. Os números são do IBGE e se referem ao pagamento real, ou seja, corrigido pela inflação em detrimento da baixa produtividade industrial.



Segundo os dados oficiais, 2014 o IPCA chegou a 6,4076% ao mesmo tempo em que os gastos por trabalhador não diminuíram, do que se deduz que ocorreu uma perda do poder aquisitivo, ou seja, a inflação está corroendo o salário do trabalhador.



Para nós, a falácia do IBGE em defesa da burguesa esconde a contradição principal que no capitalismo em crise, as relações de produção não suportam (não cabem) mais dentro do modo de produção vigente, ou seja, da propriedade dos meios de produção. Nestas condições, o falacioso discurso burguês do ciclo de crescimento, a classe operária e os oprimidos em vão pauperizando-se cada vez mais, com a ausência de direitos trabalhistas e confiscos de seus pequenos investimentos. Em suma, os patrões acumulam mais e mais riqueza pela exploração não mais somente em relação ao trabalho.

As medidas adotadas no início de 2015 (2ª etapa) agrava ainda mais as finanças dos trabalhadores: o salário desemprego só será pago para os trabalhadores que tiverem pelo menos 18 meses na última empresa, eliminando assim, mais da metade dos benefícios a serem pagos.

Outro possível motivo dessa contradição está no custo da demissão, pois os encargos trabalhistas pagos entram no cômputo da folha de pagamento.

País gasta mais de R\$ 1 tri em cinco anos com juros da dívida pública

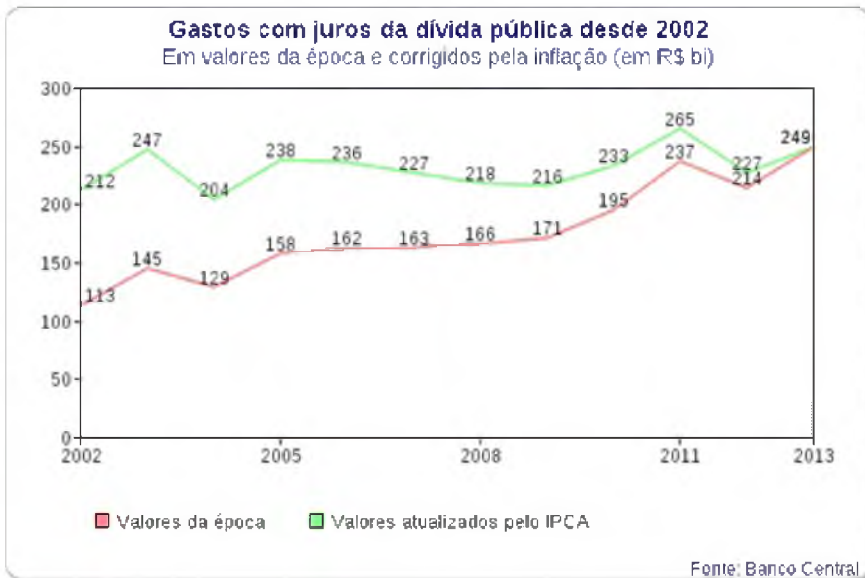
O Brasil gastou mais de R\$ 1 trilhão nos últimos cinco anos com pagamento de juros da dívida pública, mostrou dados do Banco Central divulgados em 31/01/2014.

No total, o setor público brasileiro teve uma despesa de R\$ 249 bilhões em 2013 com juros. É o maior valor anual desde o ano 2002, quando o BC iniciou o registro desses dados pela metodologia atual. Se atualizarmos pela inflação, no entanto, o maior valor da série é o de 2011 (R\$ 265 bilhões).

De 2009 a 2013, os gastos com juros somaram R\$ 1,065 trilhão. Corrigido pela inflação, esse valor equivale hoje a R\$ 1,190 trilhão.

Em média, cada um dos 94 milhões de brasileiros com ocupação remunerada gastou, indiretamente, R\$ 11 mil no período para pagar os credores do governo, o que dá mais de R\$ 2 mil por ano por pessoa.





Em 2013 a União, Estados e Municípios destinaram R\$ 91 bilhões do seu orçamento para a dívida. Esse esforço fiscal é chamado de superávit primário.

Como os juros somaram R\$ 249 bilhões em 2013, ficaram faltando R\$ 158 bilhões para pagar os credores. Este último valor, chamado de deficit nominal, ou necessidade de financiamento nominal, corresponde ao que o governo precisou tomar emprestado para honrar seus compromissos.

Já em 2014 o orçamento federal foi de R\$ 2,48 trilhões contra os 2,14 trilhões de reais de 2013.

Quase a metade do orçamento federal de 2013,

exatos 42%, foi destinada ao pagamento da dívida pública brasileira. Dos 2,14 trilhões de reais, 900 bilhões estava previsto com gastos com o "pagamento de juros e amortizações da dívida pública, enquanto estava previstos, por exemplo, 71,7 bilhões para educação, 87,7 bilhões para a saúde, ou 5 bilhões para a reforma agrária".

Já em 2014 ultrapassando qualquer gasto do governo em programas sociais e investimentos o governo brasileiro entregou R\$251 bilhões para pagamento de juros para pagar credores da União com acréscimo de 35,1 % em relação aos R\$ 185,8 bilhões para a mesma finalidade em 2013.

A burguesia brasileira criou o impostômetro e faz alarde da monstruosidade dos impostos arrecadados, mas não fala uma vírgula de que em média 50% da arrecadação dos impostos nacionais vão para pagar juros e serviços da dívida pública (dívida com credores externos).

Fontes:

Banco Central

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/513556>

[Http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/01/158332](http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/01/158332)

[0-gasto-de-r-251-bi-com-juros-pagaria-uma-decada-de-bolsa-familia.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/01/158332)

Combate ao capitalismo com praticas coletivas em prol da união campo/cidade

Com o fim da Segunda Guerra mundial o continente Europeu sofreu grandes prejuízos humanos e se reconstruiu através das alianças com as nações dominadoras e as vendas de produtos bélicos como descreve na revista escola.

"O conflito contabilizou um gasto total de 413, 25 bilhões de libras, fabricou mais de 296 mil aviões e 53 milhões de toneladas de equipamentos navais. Por todo o mundo, cerca de 45 milhões de vidas foram ceifadas, sendo a grande maioria de inocentes.



Com o fim da Segunda Guerra mundial o continente Europeu sofreu grandes prejuízos humanos e se reconstruiu através das alianças com as nações dominadoras e as vendas de produtos bélicos como descreve na revista escola.

“O conflito contabilizou um gasto total de 413, 25 bilhões de libras, fabricou mais de 296 mil aviões e 53 milhões de toneladas de equipamentos navais. Por todo o mundo, cerca de 45 milhões de vidas foram ceifadas, sendo a grande maioria de inocentes.

Por outro lado, existiram aquelas nações que viram no sangrento conflito uma grande oportunidade de ganho econômico. Os canadenses fabricaram mais de 16 mil aviões e 3 milhões de navios. Em curto espaço de tempo, ampliou sua indústria de metais pesados, principalmente nas áreas de alumínio, níquel, cromo e aço. Os Estados Unidos, considerado o maior beneficiário, dobrou o seu parque industrial nos anos de guerra.”

Com o sistema respirando mais aliviado devido ao folego do pós-guerra, iniciam-se as reconstruções baseadas nos interesses econômicos, a questão da alimentação não foi diferente. Os agrotóxicos foram desenvolvidos durante a Primeira Guerra Mundial e extremamente utilizados na Segunda Guerra Mundial, como arma química. Após o término da guerra, estes passaram a ser usados como defensivo agrícola.

O apelo de acabar com a fome mundial por meio de um aumento nas produções e parcerias com instituições como o Banco Mundial, Monsanto e o governo americano, organizaram e produziram uma receita de produção de alimentos mundiais baseado na Monocultura, nos insumos industrializados (agrotóxico), no melhoramento genético (transgênico) e mecanização agrícola. Esse grupo chamou esse fenômeno de revolução verde, essa “revolução” foi rapidamente alastrado pelo mundo.

A Revolução Verde chegou ao Brasil por volta dos anos 60, quando o país vivia sob uma ditadura civil-militar, e se fortaleceu com patrocínio do Estado brasileiro, americano e indústrias mundiais.

“Estabeleceu-se por meio da imposição das fábricas de agrotóxicos e do governo nacional, sendo que o financiamento bancário para a aquisição de sementes era concedido apenas se o agricultor adquirisse também o agrotóxico e o adubo. Essa atitude resultou somente em uma

contaminação ambiental, sem extermínio da fome.” De acordo com o site Infoescola.

No ano de 1970, diversas fábricas mundiais foram transferidas para o Brasil, país englobado entre os 5 maiores consumidores de agrotóxicos do mundo. O governo criou um plano nacional de defensivos agrícolas, condicionando o crédito rural ao uso de agrotóxicos. Com o uso combinado dos produtos para o cultivo, logo os agricultores foram obrigados a adquirir e usar esses defensivos agrícolas industrializados em suas produções, e logo se tornaram dependentes deles, mas essa introdução das modernas tecnologias foram desvinculadas dos valores culturais e histórico dos produtores do campo, foi uma tecnologia imposta pelo imperialismo e patrocinada pelo governo brasileiro e pelas instituições de pesquisa e extensão rural.

Nas estruturas burguesa as mídias propagam a revolução verde como o que há de mais moderno nas produções de alimentos e o que vimos na realidade é a continuidade de um padrão de ocupação dos ecossistemas caracterizado pelo nomadismo predatório, que deita suas raízes no Brasil colonial. Politicamente também todos os benefícios vão para os setores do agronegócio que atualmente é a maior bancada do congresso nacional, onde pintam e bordam com leis a favor do agronegócio e contra comunidades tradicionais indígenas, produtores familiares, quilombolas, assentamentos. Nas Universidades as teses, pesquisas e extensão são em sua maioria voltada para o movimento da revolução verde, sendo quem mantém todas essas estruturas são os trabalhadores.

A médio e longo prazo, os resultados foram catastróficos. Além da contaminação da terra, dos lençóis freáticos e dos alimentos causadas pelo uso de agrotóxicos, as culturas tradicionais tornaram-se pouco competitivas, abrindo mais espaço para a monocultura com uso de sementes melhoradas geneticamente). A diminuição da biodiversidade, tornando os ecossistemas mais vulneráveis. A mecanização da operação, por sua vez, diminuiu e precarizou o emprego no campo, as transformações no setor agrícola contribuíram com o êxodo rural que tem início com o desenvolvimento do modo de produção capitalista (separação dos meios de produção da força de trabalho). O fenômeno brasileiro, em três décadas, inverteu o perfil de distribuição da população brasileira entre o meio rural e o meio urbano como consequência da anarquia capitalista e do desenvolvimento desigual e combinado que impôs as concentrações

timidamente saindo a favor da produção agroecológica, mas ainda no âmbito da lógica burguesa. No entanto, para a agroecologia se firmar é necessário o acirramento da luta de classe (luta do proletariado como classe para si) pois não adianta produzir de forma agroecológica e os alimentos orgânicos não chegarem a classe trabalhadora e comunidade proletárias. Os alimentos ficam presos

nas mãos de parasitas atravessadores, nos mercados e abastecendo setores classe média que ainda na prática atuam a favor da permanência da ordem pequena burguesa.

Propomos sermos ativo nesse processo - na luta pelo planejamento da produção entre produtores e consumidores com o devido reparte desta produção aos mesmos.



APEOESP

A eleição para Diretoria e Conselho de Representante Estadual e Regional da APEOESP realizada em 06 de maio, 2014 bem demonstrou os motivos da não resistência concreta contra a precarização educacional do Estado de São Paulo. Por um lado presenciamos uma piora da educação e das relações de trabalho sem precedente, de outro, um sindicalismo de faz de conta que combina campanhas contra - com métodos de pressão parlamentar, ações judiciais e greve não mobilizada com acordos velados. A simples existência da tal categoria "O" instrumentalizada pela *Lei Complementar nº 1.093, de 16 de julho de 2009, que dispõe sobre a contratação por tempo determinado alterada pela Lei Complementar Nº 1.215, de 30 de outubro de 2013* já bem demonstra o descaso e o desrespeito com os trabalhadores e para com a educação pública.

A precarização da educação pública paulista é parte da precarização geral da educação orientada pela Conferência de Educação para todos (*Jomtien,*



Tailândia - 5 a 9 de março de 1990) e dos organismos financeiros internacionais. Com o pretexto da educação para todos e da melhoria da qualidade do ensino se converteu a educação oficial nos parâmetros do aprender a aprender.

Um dos princípios da educação para todos são

A eleição para Diretoria e Conselho de Representante Estadual e Regional da APEOESP realizada em 06 de maio, 2014 bem demonstrou os motivos da não resistência concreta contra a precarização educacional do Estado de São Paulo. Por um lado presenciamos uma piora da educação e das relações de trabalho sem precedente, de outro, um

sindicalismo de faz de conta que combina campanhas contra - com métodos de pressão parlamentar, ações judiciais e greve não mobilizada com acordos velados. A simples existência da tal categoria "O" instrumentalizada pela *Lei Complementar nº 1.093, de 16 de julho de 2009, que dispõe sobre a contratação por tempo determinado alterada pela Lei Complementar Nº 1.215, de 30 de*

Convite!!

O Departamento de Formação da APEOESP Subsede de Diadema convida a todos a participarem do curso de formação política/educacional e pedagógica (em seu terceiro encontro/seminário) que se realizará no dia 28 de fevereiro de 2015 das 15h00min às 18h00min horas na Subsede APEOESP Diadema - Rua Orense nº 642, Centro de Diadema.



TEMA DO ENCONTRO: VIGOTSKI E O "APRENDER A APRENDER" CRÍTICA ÀS APROPRIAÇÕES NEOLIBERAIS E POS-MODERNAS DA TEORIA VIGOTSKIANA DE NEWTON DUARTE, 2000.

Próximo encontro: •Fundamento da Escola do Trabalho, Pistrak, 2000;

Convite 2

Convidamos a todos para plenária aberta sobre conjuntura internacional a ser realizada no dia 07 de março, 2015 às 19:30 horas na Rua Maria Aparecida nº 50, Vila Conceição, Diadema, próximo do antigo NAP do Bairro do Serraria.

Caixa postal nº 140 – CEP 09910 970, Diadema – São Paulo ou pelo
email: proletarios@proletariosmarxistas.com /Site: www.proletariosmarxistas.com